



**Feliz Natal e
Próspero Ano Novo**

Índice

Editorial	03
Valter Teixeira	
Acadêmico com visão	06
José Alexandre Saraiva	
Surpresas de Final de Ano	08
Luiz Henrique Zaions	
Elegia in Memorium	09
Khalid W. Omairi	
30 Anos de Receita Federal	10
Maria Angélica Toledo Castro	
O Terceiro Milênio	12
José Elias Aiex Neto	
Os Direitos Humanos e o Desemprego	13
Paulo Ferreira da Rocha Filho	
Conflito Final	16
Ildo Carbonera	
Coisas de Estudante	18
Nasser Ahmad Sati	
A Integração Cultural do Mercosul	19
Dr. Isidoro Villamayor	
Lapachos	21
Lyrio Bertoli	
A Partilha	23
Florian Peixoto	
Palavra do Presidente	24
Lyrio Bertoli	

Instrução Redatoriais

- 1- A revista da Aculfi é publicada sob a orientação do conselho editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2- A publicação será mensal e tem por finalidade a divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3- Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do conselho editorial, que os enviará ao comitê de revisão. A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificações no texto.
- 4- Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em software, Microsoft Word for Windows, versão 4.0/ Win 95, em duplo espaço, conforme as normas da ABNT. Uma cópia impressa deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5- Os textos necessariamente não deverão ultrapassar 05 (cinco) páginas.

Expediente

Presidente

Lyrio Bertoli

Secretário Geral

A.H.G.Cunha

Diretora Cultural

Rosani Schneider

Diretor de Com. Social

Elvio Seibert

Tesoureiro e Dir. de Patrim.

José Elias Aiex Neto

Representante Argentina

Clara Cruz

Representante Paraguai

Victor Manuel Brites

Conselho Fiscal

Venturino Savaris

Nanci Rafagnin Andreola

Nathaline Granzotto

Ivette Souza Secundino

José Alexandre Saraiva

Terezinha C. de Oliveira

Conselho Editorial

Comitê de Revisão

Valter Teixeira

Ildo Carbonera

A. H. G. Cunha

Terezinha C. de Oliveira

Rosani Schneider

Raimundo de Araujo Neto

José Alexandre Saraiva

Martha Ribeiro Rarahyba

Correspondência: ACULFI

Rua- Benjamin Constant, 62

Anexo à Fundação Cultural

Sala 21-2º-andar

85851-380- Foz do Iguaçu-Pr.

EDITORIAL

Enfim, eis que o dezembro chegou. Mísera e sofridamente mas o fim do ano chegou. Sociedade cansada, desiludida, angustiada e frágil; povo desorientado sim, mas corajoso; gente massificada, no entanto persistente; sem dúvida pessoas mais do que nunca gente, que choram, riem, debatem-se mas não perdem a esperança.

Sociedade tumultuada e áspera, insegura e violenta; criminosos, ladrões e prostitutas. Pessimismo? Descrédito? Pois bem, pensemos. *Será o homem mau por natureza e a estrutura social consequência de seu desajuste?* Ou, ao contrário, este mesmo homem terá nascido bom e, vítima de suas "obras" mal conduzidas, pareceria perverso e egoísta? *Acredito piamente, que o elemento humano é falho mas rico de solidariedade e amor*, mesmo que latentes. Que pessoa não deixa derramar uma lágrima dos olhos? Qual de nós consegue permanecer indiferente à dor? Quão raros aqueles que não retribuem afeto quando também o receberam. Até mesmo os bandidos têm para si um pacto de honra. Sem dúvida a ética está relegada a um plano secundário assim como a moral, esta mais flexível e consequência de um momento histórico-cultural, da mesma forma mostra-se corroída por atitudes nada elogiáveis. O homem seria mau então? *Não acredito! Nego-me a acreditar!* Penso que esta criatura, dotada de cabeça-pensante e responsável pelo seu próprio destino é **vítima de si própria, prisioneira de suas atitudes impensadas** e doente do vírus cultivado no habitat de sua busca mal conduzida de auto-preservação.

Finalmente, mais um ano agoniza, dando espaço a outro momento mais pleno de esperança. Somos envolvidos pelas vestes do renascer e pelo ar puro da nova brisa. No entanto, no fundo do nosso pensamento, sabemos que estas vestes têm remendos e que a brisa não é imaculada, trazendo em si os gases tóxicos de pulmões poluídos. Mas, aí está o grande bálsamo, nossa mente apaga a dor, esconde as evidências e contemporiza o sofrimento, porque mantém sempre vivo o "fogo de chão" da esperança e a crença de que um dia tudo poderá mudar. Se é verdade que "DEUS ajuda quem madruga", é também verdadeiro que **o homem sabe que sua vida e futuro dependem antes e mais nada de si e por si**.

A ACULFI, a passos largos mas cautelosos, decidida e firme, assumiu sua proposta e caminhada. Cada membro, na sua individualidade e na força associativa contribuiu para a construção

de uma sociedade melhor. *A Academia de Cultura de Foz do Iguaçu condena a cultura inútil e menospreza a arrogância cultural. Seus membros, indistintamente, defendem a cultura pelo bem social, pela paz e harmonia dos indivíduos, pela beleza intrínseca que mais do que bela em si, demonstra o belo do pensamento e inteligência do homem.*

Seus integrantes, na medida em que se integram, valorizam a solidariedade e confirmam para si, em semelhança a outras experiências vividas, que somos sim indivíduos unitários mas sociais, celulares mas teciduais, astros mas galáxicos, átomos mas matéria. *Somos solitários em origem embora interdependentes por instinto, necessidade e preferência.*

Enfim o término de mais um ano chegou!. Quanta luta, quanta labuta e peleia!. Quanta experiência, quantos calos em nossas mãos, mas que estrutura e pique desenvolvidos!. “A dor ensina a gemer”, diz o ditado popular. “Se a água chegar ao pescoço, aprende-se a nadar”, dizem outros. Nós todos sabemos da intensidade de nossa dor e do volume de água que nos afoga. Nós todos sabemos, no entanto, que bem aprendemos a gemer e nadar e que ao nosso lado outros melhor nadam e gemem.

Todos sabemos que as mãos cada vez mais se estendem e que a sociedade decaída e fraca inicia lenta saída do leito em que agoniza.

Mario Quintana, em seu pensamento poético, atemporal, escreveu:

“ Este quarto de enfermo, tão deserto
de tudo, pois nem livros eu já leio
e a própria vida eu a deixei no meio
como um romance que ficasse aberto...

que me importa este quarto, em que desperto
como se despertasse em quarto alheio?
Eu olho é o céu! Imensamente perto,
o céu que me descansa como um seio.

Pois só o céu é que está perto, sim,
Tão perto e tão amigo que parece
Um grande olhar azul pousando em mim”.

Olhemos pois o céu! Nademos em suas “águas azuis” e, bem do alto, perceberemos, embora incrédulos, que a Terra da mesma cor se veste e guarda tantos mistérios que põe em cheque e desafia a imaginação dos seres que receberam a graça de nela habitarem.

A ACULFI olha este céu e deseja que todos possam vê-lo em sua grandeza e beleza ímpar. Que este NATAL retire a venda de nossos olhos, afaste a amarra de nossas bocas, e exclua o tampão de nossos ouvidos. Queira Deus, que este NATAL, nos dispa do egoísmo e nos mostre o caminho da solidariedade despretensiosa, da fraternidade e da paz social.

Conhecemos bem o caminho. Bem sabemos o custo dos desvios. Pois saibam que a ACULFI de forma irreversível marcha em busca deste ideal e a todos convida e convoca para participar.

*Feliz Natal com os mais azul dos céus!
Feliz ano vindouro com a mais plena e nobre das esperanças!
O azul do céu está ao alcance dos nossos olhos!*

Foz do Iguaçu-Dezembro/98

Valter Teixeira
Membro da ACULFI e presidente
do Conselho Editorial

Um acadêmico com visão de estadista

Expressivas autoridades, dentre as quais o governador Jaime Lerner e o presidente do Tribunal de Justiça do Paraná, desembargador Lenz César, além de expoentes das letras e das artes e representantes de entidades culturais de praticamente todo o Estado, compareceram à magna solenidade de posse dos jornalistas Francisco Cunha Pereira Filho e Geraldo Mazza na excelsa Academia Paranaense de Letras, ocorrida no dia 17 de outubro de 1998, no Centro de Convenções de Curitiba, sob a batuta do historiador e acadêmico Túlio Vargas.

Foz do Iguaçu esteve representada pelo Prefeito Harry Daijó, Lyrio Bertoli - fundador e atual presidente da nossa Academia de Cultura -, Antonio Cirilo, Milton Rodrigues, Luiz Siqueira e Faisal Saleh. Lyrio Bertoli, primeiro deputado federal do Oeste, eleito na década de sessenta, revelou a admiração pela cultura e inteligência dos novos acadêmicos. Lê diariamente os artigos de Geraldo Mazza e se considera seguidor convicto das teses paranistas do acadêmico Francisco Cunha Pereira Filho, muitas já concretizadas e convertidas em significativas conquistas para o Paraná, e outras suscitando debates empolgantes no nosso dia a dia.

A propósito, convém lembrar aqui a entrevista que o Dr. Francisco Cunha Pereira Filho concedeu à tradicional revista "Panorama" naquele longínquo outubro de 1981, passando em revista as teses levantadas pela "Gazeta do Povo" no IV Seminário Paranaense de Desenvolvimento.

Na abertura da entrevista, com o jornalista Samuel Guimarães da Costa, um histórico registro é apresentado pela "Panorama" com estas palavras: "É muito gratificante para nós, homens de imprensa - que procuramos ser, antes de qualquer coisa, e acima de tudo, jornalistas - a tarefa de ressaltar o poder do jornalismo e a importância de seu papel na organização ou na mobilização da opinião pública, principalmente em torno das grandes causas paranaenses. Agora, por exemplo, as campanhas paranistas que a Gazeta do Povo vem promovendo por iniciativa de seu diretor, Francisco Cunha Pereira Filho - responsável também pela direção da Rede Paranaense de Televisão -, dão a medida exata desta contribuição a favor de movimentos reivindicatórios, de denúncia e de alerta público, na defesa do bem comum e dos superiores interesses do Estado."

Os destaques a seguir transcritos foram feitos pela própria revista, todos extraídos do pensamento vibrante, culto e vigoroso do entrevistado, cuja visão de futuro - e aí está o tempo para testemunhar - tem alicerce na experiência do advogado combativo, na excelência das aulas do abnegado professor de direito, na visão crítica do jornalista atuante e no exemplo de seus lendários antepassados.

Hidrelétrica de Itaipu "...os paranaenses devem se unir em busca de fórmulas compensatórias pelas perdas sofridas... Não foi difícil avaliar, a médio e longo prazos, as graves repercussões que resultarão da conclusão de Itaipu, a ser operada amanhã por uma equipe técnica relativamente reduzida... Itaipu é uma obra ciclópica, que orgulha todos nós pela capacidade comprovada da engenharia e do trabalhador brasileiro, que causa deslumbramento e encanta como a "maior hidrelétrica do mundo". Mas, por outro lado, o alagamento de 850 quilômetros quadrados de terras férteis, aliado ao incalculável lucro cessante das áreas alagadas "ad aeternum" e à expulsão dos agricultores ribeirinhos, diminuindo a população e sepultando também para a eternidade essa maravilha turística sem preço, que é Sete

Quedas, penaliza seriamente o Paraná... Recebemos de nossos antepassados um território rico e fértil, com quase 200.000 Km², e temos que entregar aos nossos filhos e netos esta herança, sem mutilações... Energia "a custo zero" é força de expressão, a título de impacto, para ressaltar a importância das compensações sociais que representa."

Indenização pela utilização do xisto A tese da "Gazeta do Povo", disse o então secretário de Finanças do Estado, Edson Neves Guimarães, representa "uma idéia-matriz, capaz de motivar toda a comunidade paranaense, aumentando a receita estadual em mais de 2%." À época, a exploração do xisto em São Mateus do Sul não vinha garantindo a parcela financeira do Paraná, como de direito.

Gasoduto Brasil-Argentina A "Gazeta do Povo" apontou "a possibilidade de que a esse gasoduto internacional se ligue uma ramificação, de forma que a produção de gás da usina de xisto de São Mateus do Sul possa usar o mesmo canal de transporte até os pontos de consumo final. A idéia imediatamente provocou vários pronunciamentos de apoio, tendo em vista que a construção do gasoduto através do território paranaense representaria economia ao País.

Ponte Brasil-Argentina "...No encontro com o diretor da Gazeta do Povo, os empresários decidiram imediatamente agilizar todas as gestões para garantir a presença de empreiteiras paranaenses nos grandes canteiros de obras programadas, quer através de associações ou consórcios, quer mesmo atuando junto das autoridades federais na elaboração dos editais de concorrência, que não devem alijar os empresários do Paraná, como teria ocorrido antes em relação a outras concorrências de obras em nosso Estado."

Aumento do colégio eleitoral e representação no Judiciário "...mediante o fortalecimento de sua bancada parlamentar na Câmara dos Deputados... Uma segunda campanha, igualmente de grande acolhida, foi lançada pela Gazeta do Povo a fim de que o Paraná venha a pleitear a indicação de um paranaense para o Supremo Tribunal Federal ou Tribunal Federal de Recursos (atual Superior Tribunal de Justiça, que conta hoje com a sabedoria jurídica do professor Milton Luiz Pereira, um paranaense de escola, cujo merecimento motivou seguidas campanhas da "Gazeta do Povo")... Esta é então uma velha reivindicação jamais atendida pelo Governo da União, desde os primeiros anos da República, como se ao Paraná faltassem em todo esse tempo juristas ilustres e magistrados do mais alto saber e competência para ocupar uma cadeira do Supremo."

O Paraná "O Paraná não deseja pedir nada de graça. Deseja apenas que o que é seu fique no Estado. O Brasil precisa pagar o Paraná que ele nos deve."

Mais uma palavra para encerrar: agora que o gasoduto Brasil-Argentina vai ser uma realidade irreversível, é de se lastimar que a idéia do Dr. Francisco Cunha Pereira Filho, no sentido de assegurar a passagem de tão vital empreendimento pela ponte Tancredo Neves, em Foz do Iguaçu, não tenha sido apreciada no momento certo, quando da construção da imponente obra!

José Alexandre Saraiva

Procurador da Fazenda Nacional em Foz do Iguaçu,
membro da Academia de Letras do Paraná e membro da ACULFI

Surpresas de Final de Ano

Final de ano é sinônimo de festas, estreitamento de laços familiares, expectativa positiva de novos rumos de vida e viagens.

Um momento de reflexão de faz necessário diante do quadro que permeia estes bons momentos.

Se procurarmos nos lembrar, certamente encontraremos amigos, conhecido ou familiar que já tenha sido vitimado em acidente automobilístico mais ou menos grave, em muitos casos no período de festas de final de ano onde o número de acidentes aumenta assustadoramente. Calcula-se que os acidentes com vítimas serão a terceira causa de morte no início do próximo século, ceifando vidas principalmente na faixa etária entre 20 e 40 anos.

Serão mais mortes que a Tuberculose e a AIDS, e a maior proporção de casos será registrada em países em desenvolvimento, com aproximadamente 70% das mortes.

Não existem estatísticas para o inacreditável números de vítimas com seqüelas definitivas do trauma e os prejuízos e à economia são incalculáveis. O custo médio por vítima é de US\$ 80.000 nas vias das cidades e de US\$ 136.000 e nas rodovias federais, se considerarmos os gastos com Serviços de Emergência, prejuízo patrimonial, indenizações, tratamento médico, processos criminais e funeral. Ao INSS o custo chega a 70% dos recursos referentes aos acidentes de trabalho.

A conjunção dos principais fatores; álcool, imprudência, má conservação das estradas e dos automóveis são os determinantes principais da tragédia de todos os dias que se intensificam nos finais de ano.

Dizer das tristes estatísticas, das mortes, dos disformes, ensanguentados, amputados e paráliticos é assunto indigesto para tempos festivos mas, porque tanta pressa, imprudência e desrespeito pela vida. Aos formadores de opinião cabe alertar e educar os insensatos e onipotentes para uma reflexão sobre os riscos dos abusos destes dias, talvez este seja o maior presente que possamos dar em respeito ao ser humano.

Luiz Henrique Zaions
Diretor Médico do SIATE-FOZ

Elegia in Memorium

A bençoa tu ... estrela distante
Nosso jugo, contudo farsante,
Porque choras, porque fostes...sente
Esse medo, angústia gritante
Perene novidade transparente,
Que aflige a mim, não ao circundante
Mas se penso, se sonho... bravamente
Lá estás! meu amado semblante,
A guiar quem de ti és carente.
Alegrar-me mais, nem mesmo que eu cante
tua memória tens um dom fascinante.
Pois a lembrar-te estou a todo instante.
Permite Deus meu! ver novamente
Essa áurea, essa nobreza... esse ente

Khalid W. Omairi
Acadêmico de Direito da Unifoz



Receita Federal

30 anos em Foz

O dia 20 de novembro de 1968 é muito importante para a Secretaria da Receita Federal, pois nesta data ela foi criada pelo Decreto n° 63.659. *São 30 anos de existência.*

Comemorar, festejar esta data é muito importante para nós servidores fazendários, porque fazemos parte de uma organização que foi citada pela Imprensa como “Uma das Ilhas de Competência da Administração Federal”.

A Secretaria da Receita Federal surgiu com a evolução da atividade econômica brasileira e com as transformações da Administração Tributária. Ela é o fruto das reformas. O seu surgimento representou um significativo avanço contribuindo para o aumento da arrecadação no final dos anos 60.

A organização cresceu, estruturou-se e hoje é moderna e eficaz no cumprimento de suas funções e alcance de seus objetivos.

Nestes 30 anos ao se estruturar, ao se agigantar no campo da informática e de treinamento, estive consciente de que o sucesso de seu desempenho passaria obrigatoriamente pela formação de um contingente de servidores altamente qualificados, fator com o qual conta em seu quadro de recursos humanos.

A sua trajetória é rica e suas funções de fundamental importância para a condução da política econômica do nosso País.

Consciente desta importância, projeto-me no passado, mergulho em sua história, e vejo que tudo começou em 1530, com o aparecimento da cobrança e arrecadação de rendas no tempo das Capitanias Hereditárias.

Como aduaneira que sou, fico ainda mais feliz e orgulhosa porque se hoje vejo esta SRF, sei que suas bases são aduaneiras, a origem de tudo está na Aduana.

As primeiras repartições tributárias do Brasil foram as Provedorias da Fazenda Real, instaladas nas Capitanias Hereditárias, e encarregadas de cobrar tributos, tinham a função de Aduana.

A Consolidação das Leis das Alfândegas e Mesas de Rendas foi feita por um funcionário aduaneiro para seu uso pessoal, e pela sua perfeição foi adotada em 24 de abril de 1885 pelo governo chegando até nossos dias como a famosa N.C.L.A.M.A.R..

O Decreto Lei nº 37, de 18 de novembro de 1966, que trouxe grandes avanços na reforma do Ministério da Fazenda, foi fruto dos estudos e pesquisas do aduaneiro Oswaldo da Costa e Silva.

Portanto, todos nesta data merecem Parabéns:

O Brasil, porque ao criar a SRF restabeleceu a racionalidade da organização fiscal federal; os Secretários que, ao longo dos anos e pelas suas administrações, fizeram a organização crescer como Órgão Central de direção superior da Administração Tributária da União; todos os Servidores que no desempenho de suas atividades tornaram possível a atuação da Receita Federal nas atividades-fim do MF; os Servidores Aduaneiros porque fizeram e fazem a história da Secretaria da Receita Federal.

Nota da Redação

A ACULFI se associa às manifestações alusivas aos trinta anos da Receita Federal em Foz do Iguaçu. E o faz com especial entusiasmo, tendo em vista que foi o nosso presidente, Lyrio Bertoli, quem, em 1965, quando ocupava seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados, requereu a transformação da Mesa de Rendas de Foz do Iguaçu em Alfândega. A histórica iniciativa ocorreu na Sessão do dia 14/07/65, tendo sido publicada a solicitação no Diário do Congresso Nacional do dia seguinte, pág. 8. Seguiram-se gestões junto ao Presidente da República, ministros e demais autoridades, até o atendimento final.

Maria Angélica Toledo Castro
Delegada

Direitos Humanos e o terceiro Milênio

No fim do segundo milênio da Era Cristã estamos celebrando uma data muito importante para todos aqueles que acreditam em uma sociedade mais justa e mais igualitária, o Cinquentenário da Promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas.

Nascida em virtude de que o mundo estava chocado com as barbaridades cometidas contra milhões de pessoas durante a segunda guerra mundial, a Declaração Universal foi uma tentativa de se estabelecer regras de convívio humano baseadas no respeito ao que se considerou fundamental para a preservação da dignidade das pessoas.

Hoje, cinquenta anos depois, percebemos que ainda estamos longe de alcançar o que se pretendeu com a elaboração de tal documento. As violações aos direitos fundamentais tem sido uma constante sobre a face da terra. Relatório da ONU mostra que 141 países cometeram crimes contra os direitos humanos. Tais crimes variam desde tortura, segregação racial, discriminação de pessoas por raça, cor, sexo, opção sexual e até por serem portadores de doenças. A prostituição infantil tem aumentado consideravelmente em países do terceiro mundo, onde homens com poder aquisitivo alto buscam satisfazer suas perversões, já que em suas pátrias, no primeiro mundo, tal prática é coibida. Os conflitos étnicos como os da antiga Iugoslávia e os dos países africanos têm mostrado ao mundo que, ao final do segundo milênio, com toda a pregação do amor e da solidariedade, o homem muitas vezes tem comportamento de fera em determinadas situações.

No Brasil tivemos e temos muitas violações aos direitos fundamentais do homem. A tortura ainda é uma prática presente em nossa sociedade, como podemos assistir pela televisão o comportamento de policiais militares na favela da Vila Naval em Diadema (São Paulo), que resultou na morte de um trabalhador. Nos últimos dias temos visto presos sendo torturados por outros presos em prisões superlotadas, sendo que em alguns casos se pratica a execução sumária de alguns deles como maneira de se diminuir a superlotação dos presídios. E isso ocorre na frente de autoridades judiciárias e testemunhado pela imprensa.

Chacinas se tornaram uma constante em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Para ficar apenas em algumas, basta nos lembrarmos do massacre dos 111 presos do Carandiru, da Chacina de Vigário Geral e do Assassinato das Crianças da Candelária. Em Foz do Iguaçu no ano de 1997 a polícia matou quatro jovens na Favela do Monsenhor Guilherme, sendo que até hoje o caso não foi elucidado.

Mas as violações não acontecem ocorrem apenas em grandes ocorrências como as relatadas acima. No dia a dia das pessoas cometem-se violências contra a dignidade do ser humano, no que poderíamos qualificar como "pequenos assassinatos", parodiando o cineasta Jules Pfeiffer, que dirigiu um filme com este nome na década de setenta.

Os pequenos assassinatos são cometidos principalmente contra o cidadão humilde mais despossuído. Eles ocorrem nas filas dos postos de saúde da rede pública, que foi criada para atender a norma Constitucional que diz que saúde é um direito de todos e um dever do Estado. No entanto, muitas vezes pessoas morrem por falta de atendimento médico-hospitalar.

A exploração do trabalho ainda é uma chaga que existe e deveria envergonhar os cidadãos decentes deste país. A região das Três Fronteiras (Brasil, Argentina e Paraguai) é pródiga em exemplos de exploração da força de trabalho de milhares de pessoas sem a devida proteção previdenciária ou até de segurança de vida.

Quem trabalha com a área social neste país assiste diariamente a cenas revoltantes de insensibilidade dos homens responsáveis pela direção das instituições encarregadas de garantir a dignidade do homem. Não há quem não se revolta com a maneira como são

tratados os aposentados neste país. Pessoas que gastam sua parca pensão para comprar remédios, os quais deveriam ser fornecidos pelo Estado.

As condições das nossas prisões são péssimas, gerando em seu interior a formação de verdadeiras feras, já que os que ficam presos em tais locais saem de lá piores do que quando entraram em relação à criminalidade.

Na verdade, quando estamos próximos de ver o início de um novo milênio, oportunidade que poucas gerações de seres humanos tiveram e terão, poderíamos dizer que o ser humano não é digno de presenciar tanta maravilha como perfeito funcionamento do Universo, pois ele ainda não aprendeu a se respeitar. Nos países cristãos, como o Brasil, faz-se muito discurso sobre o amor ao próximo, sobre solidariedade, etc. No entanto, o que vemos não é a prática de tais discursos. Temos que aproveitar cada oportunidade como esta, que é data do Cinquentenário da Promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos para refletir sobre o tipo de sociedade que vivemos e se vale a pena continuar com tal modelo no terceiro milênio. Que a história seja diferente em 2998, daqui a mil anos, quando a humanidade estará próxima ao quarto milênio. E que as pessoas que existirem naquela época possam dizer que a mudança começou na passagem do segundo para o terceiro milênio.

José Elias Aiex Neto

Médico e Membro da ACULFI

Os Direitos Humanos e o Desemprego

Hoje, 10 de dezembro, comemora-se o jubileu da “DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS”, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU), da qual o Brasil ficou entre os países signatários. A bem da verdade, pouco se tem a festejar. Recheada em 30 artigos, tem como base filosófica a dignidade humana em caráter ecumênico.

Existe uma distância abissal naquilo que ela manda e no que é cumprido. E vamos falar na última palavra que está em voga (depois da coca-cola) e que muitos políticos se dizem “profundamente preocupados”: O DESEMPREGO. Nada avilta mais o homem que a sua exclusão no mercado de trabalho. Há um paradoxo no desenvolvimento social e no crescimento tecnológico. O mundo produz hoje, em uma velocidade estupenda, principalmente, no setor de informática, computadores que em pouco tempo ficam “fora de moda”, na chamada obsolescência planejada com o surgimento de modelos mais novos e com maiores recursos. A indústria nos mostra vitrinados os mais diversos e sedutores produtos de consumo, muitas vezes até artificializando as necessidades humanas. E hoje, temos máquinas e equipamentos para quase tudo. Não há do que negar. Tecnologicamente falando, o mundo está “ma-ravilhoso”. Já no lado social, a coisa

muda de figura. O mundo altamente tecnificado cria também seus subprodutos. Entre eles, a legião de desempregados que grassa nos quatro cantos do planeta, e, atualmente soma 800 milhões. Não é pouco. Representa em 5 vezes a população brasileira.

Na Declaração dos Direitos Humanos, em seu Artigo 1º, diz: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos...”? Só que o capitalismo os torna diferentes. Não queremos agora tergiversar sobre os sistemas políticos, se capitalista, socialista ou comunista, mas para falar como o homem é predador do próprio homem. No Artigo XXIII, reza: “Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego”. Ou seja, são ao todo, repetimos, 30 artigos que não são respeitados. Se os Dez Mandamentos da Lei de Deus que não são muitos, não são considerados, o que dizer de 30? Cada um faça a sua parte. Há uma tese conformista que diz ser o desemprego um problema mundial. É, concordamos. Mas que cada país procure resolver o seu problema. No caso do Brasil, veja o que disse o Economista Celso Furtado (primeiro Presidente da SUDENE), e atualmente morando na França:

“O Brasil é um dos poucos países no mundo com condições de sair da crise através do seu Setor Primário da Economia, gerando emprego, riqueza e diminuindo os conflitos sociais”.

O mundo está se transformando num barril de pólvora. Se antevê para 1999 no Brasil, uma taxa de desemprego de 10,5% (em 1982 foi de 9,18%). Segundo a Ministra da Administração, Cláudia Costin, para o governo federal economizar 243 milhões de reais/ano, pretende extinguir 12,5 mil vagas no serviço público. FHC em campanha para sua reeleição prometeu gerar 7,8 milhões de empregos, lembram-se? Não se cria novas vagas, novos cargos; extingue-os sadicamente. A FIAT no Brasil entre final de julho até meados de outubro deste ano, já demitiu cerca de 930 empregados.

A cada ano surgem no país 240 mil novos profissionais recém-formados. Com crescimento do PIB, previsto para este ano que talvez não chegue a 2% (o que para nós seria até muito), o mercado de trabalho não terá o efeito esponja para absorver esse contingente. Segundo estudos do IPEA, se o crescimento médio anual do PIB for de 3% ao ano entre 1995 e 2005, o índice de desemprego crescerá de 7,9% para 11,2% no mesmo período. O salário real crescerá em 18% e a produtividade 21%. Mas, se o crescimento médio do PIB atingir 6%, o desemprego descambará de 7,9% (em 1995) para 3,3% (em 2005). O salário real, por sua vez, crescerá 53% para uma produtividade de 21%. Só que é pouco provável que a nossa economia cresça 6% a.a. De janeiro a junho deste ano, nossa taxa do PIB foi negativa em 0,9%. Para crescermos em níveis desejáveis, teríamos de convocar Mandrake com sua varinha de condão ou ministrar em nossa economia uma dose cavalara do indefectível VIAGRA.

Crise cada país tem a sua. Roma que queria dominar o mundo teve sua economia volatilizada em 476, no reinado do Rômulo Augústulo. Para se ter uma idéia da “gastança”, o exército romano era formado por quase 400.000 soldados pra uma população de 80 milhões de habitantes. E Roma só “dominou” o mundo através do Direito Romano. Tivemos outras crises. Uma em outubro de 1929 em Nova York com o crash da Bolsa de Valores que abalou o mundo em meio ao festejado pensamento econômico keynesiano (John Maynard KEYNES. 1883-1946). Em 1973 veio a alta no preço do barril de petróleo. Também conhecemos a recessão mundial de 1980-1982 que começou no México. Paul Krugman previu em 1994 que o “milagre asiático” não duraria muito. E não seria por falta de reza. No pós-guerra, os Estados Unidos com o Plano Marshal em 1947,

“derramaram” 13.150.000.000,00 de dólares no período de 3 de abril de 1948 a 30 de junho de 1952, para reconstruir uma Europa recém-saída de uma guerra. Stálin recusou esse empréstimo. O nosso PROER usou para socorrer os Bancos que agonizavam por dinheiro, a vultosa quantia de 16 bilhões de reais.

As crises são solucionáveis. Em primeiro lugar precisa-se de competência para não se chegar a ela. Caso isso seja inevitável, além da competência, um reforço de boa vontade e solidariedade para sair dela. A crise só será resolvida quando for geral. Por enquanto é só setorizada. Tem muita gente que está ganhando muito dinheiro com ela. E essa gente, minha gente, não quer que ela acabe.

Quando o homem for respeitado pelo homem, e este, de firme propósito se prontificar a seguir os ditames da Declaração Universal dos Direitos Humanos, temos certeza: O mundo será mais justo e mais feliz.

O trabalho é a principal Atividade do Homem

*“A carta da Declaração dos Direitos do homem há
muito lhe caiu das mãos”. (Disraeli 1804-1881)*

PAULO FERREIRA DA ROCHA FILHO, Conselheiro do Centro de Direitos Humanos de Foz do Iguaçu-PR, Membro Fundador da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu, é Engenheiro de Segurança do Trabalho, Técnico de Segurança do Trabalho, Agrometeorologista, Ecologista e Eterno Aprendiz da Vida. Trabalha na CODEFI.

Conflito Final

(o trágico e definitivo conflito entre os Cogumelos de Capetas e a Pacientolina)

Abertura

Uma garrafa de purgante a todos os corpos portadores de tédio, marasmo, tapa-olho-orelha, desprovidos de iniciativas, amor-próprio, esperanças, sonhos, já velhos, carcomidos, sem entranhas, sem coração, sem alma, sem vida.

Capítulo I

De Palavras e de Sombras

Cada palavra tem a sua sombra.

As palavras mais geniais, mais sábias, mais bem elaboradas ficam escondidas. São arredias, esquivas e sentimentais demais. Elas sabem dos destinos humanos. Têm informações claras e precisas a respeito dos castigos. O preço é alto demais para aceitar o risco. A sinceridade, a humildade, a sabedoria e a dignidade perderam-se por picadas e caminhos desertos, pouco freqüentados pelos humanos, esses que têm as rédeas da diligência nas mãos.

Eu sei do que estou falando. Tenho muito claro como as coisas vão se passar. Prevejo o tipo de homem que comandará os destinos e os caminhos. Há algo de muito trágico rondando nossos quintais. Muitos vão gargalhar. As sombras das palavras pagarão a conta:

- Por que não denunciaram? por que calaram? Vocês estavam do mesmo lado, compactuaram!

Os que bebiam acima dos cordeiros manterão a ordem:

- Não sujem a nossa água!

A diligência seguirá por caminhos demarcados, mais seguros. Os desvios ficarão para as sombras que já desistiram do grande sonho. As palavras e os exemplos desses românticos ficarão perdidos nas sombras, onde serão pisoteados e amordaçados por aqueles que ali descansarem da grande jornada que terá prosseguimento amanhã.

Capítulo I

Cogumelos de Capetas

Progressivamente, num tempo muito curto, teremos um planeta infestado de cogumelos de capetas. Os caminhos serão os caminhos de um grande rio, profundo, silencioso, de águas turvas, de galhos secos, de espumas verdes e incolores nos redemoinhos.

Cogumelos de capetas tomarão de assalto nossos sonhos e nossas ansiedades. Quando os vigias do templo acordarem do grande e pesado sono, já será tarde demais. Os cogumelos de capetas estarão nas ruas, nas igrejas, nas escolas, nos estádios, nos parques, nos pesadelos humanos. A escola não terá mais boletins.

Os cogumelos de capetas invadirão nossos quintais, riscarão nossos carros, matarão nossos peixes, queimarão as matas, encherão nossos parques de ratos, incendiarão nossos museus, limparão nossos cérebros. Não haverá mais janeiro, nem aniversários, nem férias, nem telefonemas amorosos, nem lojas de perfumes. Estáticos permaneceremos, enquanto eles roerem nossas entranhas. Tudo virá no seu tempo, em silêncio.

Capítulo I

Os Justos, coitados! e a Burocracia

Assim meio atrapalhado, eu fico pensando no tempo que o ser humano perdeu em reuniões, criando formulários. Minha euforia descamba diante de tantos questionários, cabeçalhos, fichas de avaliação, resoluções, planos estratégicos, vários autores emissores de um mesmo ofício. E eu fico pensando nos alunos que tanto anseiam por novidades e motivações.

Não consigo entender como o homem conseguiu seguir adiante, debruçado na

burocracia. Os exemplares estão em todas as eras, em todas as repartições.

Há pessoas que vivem nas suas salas matutando obrigações, elaborando documentações, reinventando fichas, formulários, atas ...

Na história da humanidade sempre houve um que viveu para atrapalhar a vida de outro. A mediocridade, a inutilidade, a incapacidade, a ausência de criatividade, de ludicidade, de sensibilidade transformaram essas pessoas em fichários, em quadros demonstrativos, em cabeçalhos, em formulários, em horários.

Talvez seja por isso mesmo que certas gavetas ficaram tão grandes. É, as gavetas e os armários vão aumentando assustadoramente de tamanho. E eu fico pensando nas reuniões e no tempo gasto para desenhar as novas gavetas, os novos armários, os novos fichários...

Eu fico aqui nesse fundo de sala pensando na vida, no final de semana, nos pássaros do lugarzinho onde nasci, que nem sabem que eu passo por lá de vez em quando...

Capítulo I

Uma tal de Pacientolina

Ouvindo sábias palavras de um nobre colega, tomei a firme e irreversível decisão. Fui à farmácia.

- Alguém já esteve aqui, hoje!, ponderou a balconista.

- Psiu! Ninguém pode saber.

- Ah, que história é essa? Eu, hein!

O estresse, a síndrome do pânico, a doença do século XXI. Preparai-nos, médicos e enfermeiras! Bons remédios, cura imediata, autodefesa sempre alerta!

Mas esse nobre colega de rara linhagem (aguardai-o!) falou-me da nova descoberta.

Era uma vez um senhor bem velho que caminhava pela sala de jantar e, TÓIM, o milagre. A Pacientolina!

Do "Manifesto Pacientolina" daquele bom velhinho pudemos traduzir apenas alguns fragmentos. Os dicionários nos ajudaram bastante. Alguns fragmentos traduziram-se por pura intuição. Siga as instruções.

* contra os terrores burocráticos;

* quando você for a uma repartição pública e ouvir as "sagradas e consoladoras palavras" - volte daqui a 90 dias;

* Pacientolina é remédio definitivo contra "vamos marcar outra reunião", "cadê o projeto?", "quem vai redigir a ata?";

* tome Pacientolina sempre que lembrar de que entre você e o Governador, que é seu patrão, há 37 instâncias;

* tome Pacientolina para jamais pegar o "bonde da história";

* quando estiveres no pequeno universo onde ERAS RAINHA e rirem de ti, desrespeitando-te, dizendo palavrões, dando a mínima para os livros que indicares, para o valor que destinas à cultura, ao respeito, ao conhecimento ... e os pais vierem e ameaçarem - largue tudo com Pacientolina;

* Pacientolina é ótimo para outros momentos de decepção e agonia, principalmente quando ouvires de uma autoridade, de quem manda mesmo, que a questão não foi resolvida, o seu projeto não foi estudado nem aceito porque "não chegou nada às minhas mãos, não sei de nada não";

Longa vida à Pacientolina!

Autor: Ildo Carbonera
Professor da Unioeste

COISAS DE ESTUDANTE

Definitivamente não tinha eu a menor idéia do objetivo ou da importância daquele assunto, cria que nunca iria utilizá-lo para nada e desconhecia qualquer pessoa que tivesse tal conhecimento.

Acreditava ser uma enorme falta de educação não reparar que todas as pessoas presentes pareciam estar ouvindo um marciano falando. Certo dia quase interpelei a exposição, minha paciência não suportava mais, pois já era o segundo dia da famigerada aula, e continuava eu sem compreender nada, e os assuntos já estavam a se avolumar por demais, sentia-me um desqualificado. Pensei melhor e resolvera dar uma segunda chance, pois poderia ser implicância minha com a maneira do professor expor tal assunto, ou quem sabe, tinha ele propositalmente aquele sorriso sarcástico para transmitir talvez, uma insegurança generalizada.

Na madrugada daquele dia, havia eu acordado às 2:00 tentando desesperadamente uma nova estratégia de estudos, fiz então uma lista de palavras que deixavam-me completamente bloqueado durante a exposição: "ONTOGNOSEOLOGIA, HERMENÊUTICA, EMPÍRICO, DURKHEIM, MARX, WEBER, ROSSEAU, EGOLOGIA, CULTURALISMO, POSITIVISMO, NORMATIVISMO, TEORIA DE GABBA, JUS IN AGRO VECTIGALI, COMANDITA POR AÇÕES, LEI 6368/76, MEDIDA CAUTELAR, EMBARGOS À EXECUÇÃO", que língua afinal é essa, que país esse, dá-me forças Senhor para que encontre a razão disto tudo.

Passados alguns anos, comentava com meus amigos da saudade que sentia dos tempos passados como estudante, das inúmeras coisas que aprendera e o quanto descobriria, mas o mais importante foi que eu havia encontrado a minha verdadeira vocação: ser halterofilista; mas cá entre nós, descobri que certos princípios são sempre necessários para qualquer atividade, pois a mesma importância que tem Justiniano para o Direito, tem o peso para o halterofilista, onde ambos precisam ser praticados e percebidos pelo corpo para serem desenvolvidos em nós, só que um no cérebro e o outro no músculo, ontologicamente falando.

Descobri que o verdadeiro professor não é aquele que ensina, mas aquele que faz pensar, aquele que deixa dúvidas no aluno, não por incompetência, mas para que o estudante vá em busca da resposta.

O verdadeiro mestre não é aquele que só expõe, mas aquele que ouve, analisa e discute o nosso ponto de vista.

O verdadeiro doutor é aquele que sorri quando você mais precisa e chama sua atenção quando deveria fazê-lo. É aquele que chora, sente orgulho e o tem como amigo, discípulo e filho.

Obrigado professor, mestre e doutor por tudo aquilo que me ensinou e por tudo aquilo que não o fez.

Hoje sou apenas o meu ontem mais tolerante e apreensivo de conhecimento.

Feliz Natal a todos aqueles que de alguma maneira passaram por minha vida e principalmente aos que nunca me deixaram.

Um abraço às mulheres, um beijo aos homens, um sorriso para minha esposa e um carinho para meus filhos.

De uma pessoa que ainda chora quando vê a beleza ou a tristeza.

NASSER AHMAD SATI

Acadêmico de Direito da UNIFOZ

Presidente do Centro Acadêmico

A integração cultural do Mercosul

Neste final de milênio vivemos tempos de Integração.

Eis a palavra que mobiliza, estimula, enfim, é a moda. Fala-se de Integração Comercial, Monetária, Alfandegária e outras. Mas apesar de toda essa quantidade de Leis, Tratados, Disposições, etc, no nosso dia-a-dia, principalmente aqui na fronteira, não se percebem sinais de Integração. Ao contrário, tudo continua no mesmo ritmo, com os Paraguaio de um lado, os Argentinos de outro e o Brasil na dele.

Ai começam a surgir os questionamentos: Por que esse espírito integracionista não atinge a população? O que está faltando para entrar na Era da integração?

Deve-se fazer uma retrospectiva histórica para que se possa entender por que determinados pontos de vista permanecem vigentes durante tanto tempo.

Como é de conhecimento de todos, após o descobrimento da América, só com as expedições do Cartógrafo e Navegante Espanhol Américo Vespúcio, é que este percebeu, ao fazer as medições para confecção de Mapas, que na realidade Colombo havia chegado a Terras novas e desconhecidas. Em nome da Coroa Espanhola Vespúcio tomou posse das mesmas e publicou o primeiro mapa que incluía as Antilhas, Litoral da Colômbia, Venezuela e Norte do Brasil, com o nome de "Terras de Americo".

À medida que na Europa começou a haver a percepção da dimensão das terras descobertas, as quais a Espanha ia tomando para si, despertou interesse das outras potências marítimas da época, principalmente Portugal, que por sua vez começou com esforços diplomáticos, para que houvesse legitimidade e reconhecimento das expedições que começaram a colonizar o litoral do Brasil a partir de Porto Seguro.

Essa negociações não foram fáceis, tanto que precisaram da mediação Papal, para finalmente chegar ao Tratado de Tordesilhas que estipulou as fronteiras de colonização entre a Espanha e Portugal.

Mas logo Portugal iniciou um processo de colonização além dos limites estipulados pelo Tratado de Tordesilhas, através dos Bandeirantes, que no Brasil são considerados os desbravadores das fronteiras nacionais e incluídos entre as figuras heróicas do País. No Paraguai são considerados como Piratas, já que no processo de "empurrar" as fronteiras em direção ao Oeste eles iam destruindo as cidades, povoados, expulsando e matando os moradores. Exemplo desta situação é a cidade paraguaia de Villarrica que originariamente foi fundada na região entre as atuais Cascavel e Guarapuava e sucessivamente arrasada pelas incursões dos Bandeirantes foi obrigada a mudar sua localização por cinco (!) vezes até a atual e definitiva.

Assim começou um processo de desconfiança histórica, e que sempre foi piorada por um fator cultural determinante: o idioma. O Brasil cresceu, se consolidou e se tornou um grande País, de costas, por dizer assim, à América Espanhola, que por seu lado, apesar de inúmeras divergências, sempre esteve culturalmente mais afinada do que com o Brasil, que era o País que quebrava a homogeneidade do espanhol, e impedia que a América Central e do Sul fossem uma América Hispânica, passando a ser assim América Latina para conseguir incluir este País que

ocupa a metade da América do Sul.

Os caminhos culturais foram se distanciando, até chegar ao ponto de os vizinhos espanhóis desconhecerem a cultura e o idioma do morador ali do lado.

Esse distanciamento cultural, que muitos podem achar irrelevante, acabou na realidade gerando desconfiança, preconceito, chegando ao ponto de rivalidade, como no caso da Argentina.

Vamos exemplificar: Na população em geral, quem conhece um argentino chamado Julio Sosa, ou um Paraguaio chamado Manuel Ortiz Guerrero ? E a recíproca: quantos Paraguaio, ou Uruguaio sabem quem é Machado de Assis ou Drummond de Andrade?

E voltando ao idioma, pode-se dar exemplo já vivenciado muitas vezes: em Assuncion é mais fácil achar quem fale inglês, do que achar quem fale Português. Na maioria das vezes, o Português é um idioma indecifrável para a população em geral. E a recíproca é verdadeira, já que em qualquer cidade do Brasil, um turista desses países que, por exemplo, tentar comprar “lechuga” no mercado, também vai ter sérias dificuldades de comunicação.

Esta situação persiste apesar de iniciativas muito importantes em todos os Países do Mercosul, como a introdução nas Escolas do ensino do Espanhol e do Português.

Por isso, é fundamental a conscientização. A Integração deve começar pela convergência de culturas, e aproveitando, que este meio de comunicação seja lido pelas “cabeças pensantes” da nossa comunidade; convocar para que aqui na fronteira seja deflagrada a semente da integração cultural do Mercosul, e talvez sendo mais ambiciosos, iniciando a “Academia Cultural do Mercosul”. E nesta grande encruzilhada das Três Fronteiras podemos e devemos ser a vanguarda da divulgação de todas as vertentes culturais que têm representação aqui, e mais, que as Universidades da nossa Região assumam o seu devido lugar como Centros de Cultura, e não apenas como formadores de Profissionais, de maneira a servir como catalizadores de todo tipo de manifestação artística, literária, folclórica, enfim, tudo que possa promover a tal falada Integração; um conhecendo o outro, aprendendo a respeitar-se, admirar-se... e por que não, mais do que verdadeiros vizinhos, passar a ser realmente irmãos.

Dr Isidoro Villamayor

Medico Paraguaio

Radicado no Brasil

A LENDA DOS DOIS "LAPACHOS"

Nas proximidades de Foz do Iguaçu, na direção que hoje é Santa Terezinha, existiam dois grandes e frondosos Ipês, um com flores roxas, outro amarelas. As máquinas que construíram a BR-277 os derrubaram, quando seus galhos e flores, já nas alturas, quase se encontravam. Por ouvir dizer, sabe-se que durante dias o céu nublou e escureceu, e que vendavais e ventanias destruíram casas e lavouras. A lenda vem sendo divulgada e pesquisada por antigos moradores de Foz do Iguaçu.

Diz-se que em cada árvore havia uma sepultura de dois jovens, um índio e uma índia, pertencentes a tribos diferentes. Apaixonados, eles fugiram de suas respectivas aldeias para viverem juntos como marido e mulher, contrariando os hábitos e costumes de suas tribos. Perseguidos, foram mortos e enterrados um próximo do outro. No lugar foram plantados dois ipês (lapachos na língua indígena), com uma maldição de que seus espíritos iriam vagar até que os ramos das duas árvores se encontrassem, quando só então descansariam junto a Tupã.

Pesquisadores pessoalmente conheceram os dois lapachos e por tempos observaram que seus ramos estavam unidos e entrelaçados.

Comenta-se que os espíritos dos dois amantes vagam ainda hoje por sobre suas sepulturas, onde estavam os "dois lapachos" protegendo o amor, e que já ocorreram inclusive curas milagrosas.

As pesquisas ainda não terminaram, e em breve, se confirmados os fatos, mais uma lenda será incorporada à nossa rica história.

Autoridades do passado pretendiam que a BR-277 desviasse o traçado, salvando as duas frondosas árvores, para lá ser construído um monumento indígena. Se verdadeira a história, por que não construí-lo agora?

A Academia acompanha a pesquisa por considerar o assunto relevante para a cultura e para o turismo.

Não ocorreram fatos idênticos em terras das civilizações Astecas e Incas? Por que não buscar amparo na força das águas e nos espíritos de antanho?

Lyrrio Bertoli
Presidente da ACULFI

A Partilha

O Brasil é mesmo um país continental. O que nele ocorre com frequência me surpreende. Quando servia em Goiás ficava intrigado com a quantidade de rapazes com pai não declarado.

Era o encarregado da seção de pessoal, portanto recebia as pessoas que se dirigiam ao quartel. Um dia é encaminhada a mim uma senhora acompanhada de sua filha visivelmente grávida.

Me dirijo à mãe e pergunto:

— Pois não, o que a senhora deseja ?

— Como o senhor pode ver, minha filha está grávida. Gostaria de saber o que o senhor poderia fazer.

Ainda sem entender direito perguntei:

— A senhora procurou o quartel, com certeza deve saber quem é o pai da criança, não ?

Ela respondeu :

— Claro, é o soldado Bento, não é mesmo minha filha ?

A moça acenou que sim com a cabeça.

Preocupado, procurei o subcomandante e relatei o fato. Pessoa experiente, ouviu e disse:

— Primeira coisa, existe soldado Bento ?

Respondi que sim e informei que Bento era aquele soldado, característico representante da raça negra, que jogava na lateral esquerda do time de futebol do batalhão.

— Então chama o Bento e verifica qual o procedimento dele quando encontrar a moça na sua sala. Tenha a certeza de que ele a conheça.

Mandei chamar o Bento que, tão logo entrou na minha sala e deparou-se com a moça grávida, ficou bastante inibido mas cumprimentou-a e beijou-a, não deixando dúvidas de que era íntimo da mesma.

Voltei ao subcomandante e informei que o Bento conhecia a moça. Ele determinou que eu o conduzisse à sua presença. O que fiz.

— Bento, você viu a moça na sala do capitão ?

— Sim senhor.

— E o que você tem a dizer sobre a gravidez dela ?

— Bom, Coronel, eu andava com ela, mas o João também andava.

Começando a esclarecer as coisas, o subcomandante me disse:

— Floriano, repita o procedimento com o João.

Mandei chamar o João, que, pela sua brancura, constantemente ficava queimado pelo sol e descascava, para que fosse até à minha sala. Para minha surpresa a cena se repetiu, tanto na inibição quanto na intimidade e nos beijos com a moça.

Conduzi o João até a sala do subcomandante. O Bento já estava em outra. Tudo se repetiu:

— João, você viu a moça na sala do capitão ?

— Sim senhor.

— E o que você tem a dizer sobre a gravidez dela ?

— Bom, Coronel, eu andava com ela, mas o Bento também andava.

— Então fechou o cerco. Traga o Bento, a mãe e a moça, para resolvermos o problema.

Conduzi os outros três à sala do subcomandante, que, dirigindo-se à mãe da moça, disse:

— Minha senhora, como sua filha pode se casar se não sabemos precisar nem quem é o pai da criança ?

— Mas eu não estou preocupada com casamento, só quero saber quem vai pagar o enxoval e o hospital.

Diante do impasse, Bento e João resolveram dividir as despesas, já que não se podia definir quem era o pai e ambos tinham “andado” com a moça, como se dizia em Goiás.

Tudo resolvido a mãe e a moça foram embora.

Meses depois sou chamado para resolver uma confusão havida entre soldados, quando chego ao local da mesma verifico que dois dos envolvidos eram o Bento e o João, que numa briga tinham agredido um terceiro soldado, pois havia nascido o filho da moça grávida, que era um “japonesinho” e o soldado Nakayama não havia entrado na partilha.

Floriano Peixoto

Comandante do 34º BIMTz e membro da ACULFI

Palavra do Presidente

Os membros do Conselho Editorial decidiram que na última revista deste ano deveria constar "a palavra do presidente".

Pois aí vai.

Foram muitos os que contribuíram para que a ACULFI germinasse e, no decorrer deste profícuo meio ano de existência, fosse fertilizada pelo ardor dos ideais.

Caminhou por esse Brasil afora, quando foi citada com destaque em histórico documento elaborado por mais de cinquenta Procuradores da Nação, quando aqui se reunidos em Foz do Iguaçu para tratar de assuntos dos mais relevantes interesses nacionais; esteve representada na Academia de Letras do Paraná, em ato marcante da história cultural do nosso Estado, bem como na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, no Centro de Letras do Paraná, no Festival Paranaense de Arte e Tradição de Londrina... Esteve até em Paris, fazendo-se presente na imprensa falada e escrita. E a revista que espelha suas reflexões circulou nos gabinetes dos poderes constituídos.

Procurou, enfim, perseguir os objetivos de seus Estatutos. Propagou diversas correntes científicas e literárias, em palestras e trabalhos publicados na "Revista da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu", em prosa e verso, respeitando a tradição, reaglutinando pedaços perdidos da nossa cultura e ao mesmo tempo adaptando-se à modernidade. Andou...

Não foi a Academia que andou: foi Foz do Iguaçu, com o abnegado empenho daqueles que, desprendidos de si mesmos, preocupam-se com o resgate de nossa memória e com a análise reflexiva do presente, no afã de diagnosticar a realidade que nos cerca e auxiliar a construir o projeto do incógnito porvir.

A Diretoria e seus membros agradecem a todos.

Feliz Ano Novo

Lyrio Bertoli

Presidente

